90 ANOS DE ATIVIDADE CULTURAL

O Instituto do Ceará, celebrou, ontem, o nonagésimo aniversário de sua fundação. O evento foi comemorado festivamente nos meios culturais, onde aquela entidade desfruta de elevado conceito, pelo trabalho beneditino que realiza, coletando valiosos subsídios da história do Ceará, estudando seus aspectos geográficos e fazendo importantes pesquisas antropológicas.

A coleta desses elementos é tarefa penosa, que exige vocação especial e idealismo. A análise do material colhido requer conhecimentos científicos, para uma interpretação correta.

Esta missão cultural — diríamos melhor, cívico-cultural — que o Instituto cumpre, com honestidade intelectual, visando essencialmente à junção de dados esparsos que permitam a composição do retrato do Ceará, ao andar dos tempos.

Nasceu o Instituto do Ceará a 4 de março de 1887, constituído por doze sócios, imbuídos do propósito firme de penetrar os meandros de nossa terra em busca de fatos cuja importância poderia passar despercebida do grande público, mas que, por constituírem elos de ligação entre o passado e futuro, serviriam de base para a compreensão do presente.

Esse acervo de estudos criteriosos que formam um patrimônio cultural inestimável continua sendo manuseado pelos atuais sócios do Instituto e por estranhos que julgam necessário penetrar as entranhas de nossa terra, para encontrar os fundamentos que explicam a psicologia e o comportamento de nosso povo.

Um trabalho desse tipo somente pode ser executado por quem conte com uma volumosa bagagem de conhecimentos e tenha o gosto natural pela pesquisa, em virtude do que não pode ser avaliado, em sua extensão e profundidade, por nós outros, que não somos capazes de tais cometimentos. Nem por isso se pode menosprezar a obra admirável desses idealistas, que se debruçam sobre velhos alfarrábios e vasculham a tradição verbal, para juntar os pedaços esparsos de nossa vida e nos mostrar como o presente encadeia-se no passado, como uma conclusão que se ajusta a uma premissa corretamente formulada.

O primeiro presidente do Instituto do Ceará foi o Dr. João Paulino Borges da Fonseca, que permaneceu no cargo de 1887 a 1908. De então a 1929, foi dirigido por Thomaz Pompeu de Souza Brasil — um valor humano do mais puro quilate, cuja vida foi um exemplo de dedicação à cultura e de comportamento social impecável, que lhe granjearam o respeito e admiração de coevos e pósteros.

De 1929 a 1938, o Instituto viveu uma fase áurea, sob a presidência de uma figura admirável, que conjugava atributos de inteligência, cultura, probidade intelectual e grandeza d'alma — o Dr. Guilherme Studart, o conhecidíssimo Barão de Studart, que legou à posteridade trabalhos preciosíssimos de história do Ceará.

O quarto Presidente do Instituto — de 1938 a 1967 —, foi Thomaz Pompeu Sobrinho, a modéstia em pessoa, que acumulava vasta soma de conhecimentos, em ramos diversos da ciência, que o erigiram no próprio símbolo da cultura de nosso Estado. Afável, culto, educado e despretencioso, Pompeu Sobrinho utilizou essas qualidades para fazer do Instituto do Ceará um centro de convergência cultural, onde os discípulos se compraziam com a convivência do mestre e procuravam seguir-lhe o exemplo de dedicação à entidade.

Com o falecimento de Pompeu Sobrinho, ascendeu à presidência do Instituto o Dr. Carlos Studart Filho, professor renomado, historiador consagrado, pela honestidade na apresentação e análise dos fatos, graça de estilo e correção vernacular, que lhe asseguram um lugar de relevo no mundo intelectual pátrio.

Infelizmente, por não podermos enumerar todos, deixamos de mencionar nomes, para não cometer omissões injustas. Nossos louvores dirigem-se, assim, globalmente, ao quadro do Instituto, onde se notaram historiadores, geógrafos, filólogos, jornalistas, homens de ciência, teatrólogos e homens públicos, ligados pela idéia comum de dar continuidade à vida cultural do Instituto do Ceará.

Noventa anos de vida associativa, sem o menor hiato, representam uma vitória da inteligência e idealismo.
(Tribuna do Ceará, 5 de março de 1977).